

# O COMPLEMENTO TEOLÓGICO REPRESENTADO NOS COMPLEMENTOS MATEMÁTICOS (1453)<sup>1</sup>

Nicolau de Cusa

Tradutores: José Teixeira Neto<sup>2</sup>

Klédson Tiago Alves de Souza<sup>3</sup>

William Davidans Sversutti<sup>4</sup>

[1] Terminei não faz muito tempo o escrito sobre os *Complementos da matemática*<sup>5</sup> para Nicolau V nosso pontífice, papa doutíssimo e eminentíssimo, e me pareceu que não fosse conveniente divulgar este opúsculo dedicado aos problemas da matemática se, como era conveniente ao meu estado e à minha idade avançada, não tivesse acrescentado para o

---

<sup>1</sup> Esta tradução nasceu em 2015 como exercício de leitura e tradução de textos italianos, portanto em sua primeira versão a obra base utilizada foi NICOLÒ CUSANO. Il complemento Teologico rappresentato nei complementi matematici. In: Opere filosofiche di Nicolò Cusano. A cura di Graziella Federici-Vescovini. U.T.E.T: Torino/Italia, 1972, p. 607-639. Ao mesmo tempo, os tradutores comparavam a edição italiana com outras traduções da mesma obra, a saber: NICHOLAS OF CUSA. De Theologicis Complementis (Complementary Theological Considerations). In: HOPKINS, Jasper. **Nicholas of Cusa: Metaphysical speculations. Six Latin Texts translated into English by Jasper Hopkins.** Minneapolis/USA: The Arthur J. Banning Press, 1988, p. 744-788 e NICOLAS DE CUES. Complément Théologique (1453). In: NICOLAS DE CUES. **Trois traistés sur la docte ignorance et la coïncidence des opposes.** Introduction, traduction, notes et commentaires par Francis Bertin. Paris: Sagesses Chretiennes - Les Éditions du CERF, 2007. p. 89 – 130; Por fim, entre 2019-2020 a presente tradução foi reelaborada a partir do texto latino da edição crítica: NICOLAI DE CUSA, **De theologicis complementis.** Vol. X. Opuscula II. Fasciculus 2a.-. Ediderunt Adelaide Dorothea Riemann et Carolus Bormann. In: **Opera Omnia.** Iussu et auctoritate Academiae Litterarum Heidelbergensis ad codicum fidem edita. Felicis Meiner., 1994, p. 1-86.

<sup>2</sup> Doutor em Filosofia pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Professor Adjunto IV da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. Membro dos Grupos de Pesquisa: NEFHEM/UERN e PRINCIPIUM/UEPB. *E-mail:* joseteixeira@uern.br

<sup>3</sup> Doutorando pela Universidade de Coimbra. Bolseiro de Investigação pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia – FCT. Membro dos Grupos de Pesquisa: NEFHEM/UERN e PRINCIPIUM/UEPB. *E-mail:* magal.ic@hotmail.com

<sup>4</sup> Mestre em Filosofia pela Universidade Estadual de Maringá (UEM). Doutorando no Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade Federal do Paraná (UFPR). *E-mail:* williamsversutti@gmail.com

<sup>5</sup> *De mathematicis complementis* (1453).

regente da Igreja alguma coisa sobre sua utilidade, de modo transcendente, nas figuras teológicas. Procurarei, portanto, tornar teologais as figuras daquela obra, a fim de que possamos intuir com uma visão mental, porquanto Deus nos conceda, de que modo aquele verdadeiro, que é procurado em tudo aquilo que pode ser conhecido, resplandeça no espelho da matemática não ao modo de uma imagem distante, mas na mais luminosa proximidade. É necessário que este livro seja anexado ao *Complementos da matemática*, se quiser entender aquilo que direi, porque este complemento é retirado a partir das matemáticas. Além disso, quem deseja retirar um fruto deste complemento deve considerar mais as intenções que as palavras. Os argumentos teológicos serão vistos melhor com o olho da mente do que expressos com palavras.

[2] Ninguém ignora que a verdade é alcançada com mais certeza nas matemáticas que nas outras artes liberais. E assim vemos que aqueles que degustam as disciplinas geométricas aderem-na com amor admirável, como se essa contivesse o nutrimento mais puro e simples da vida intelectual. O geômetra não se ocupa nem das linhas nem das figuras de bronze, de ouro ou de madeira, mas das linhas e das figuras como são em si, mesmo que não se encontrem fora da matéria. Ele intui as figuras sensíveis com o olho sensível, para poder intuir aquelas mentais com o olho da mente. A mente não capta as figuras mentais com menor verdade do que o olho capta aquelas sensíveis, mas com tanto mais verdade quanto mais a mente intui em si as figuras desligadas da alteridade sensível. Jamais o sentido as colhe fora da alteridade. A figura recebe a alteridade da sua união com a matéria que é necessariamente outra e diversa. Por causa da matéria, um é o triângulo sobre este pavimento, outro aquele sobre a parede e, a sua figura é mais verdadeira em um triângulo que em outro. E em nenhuma matéria o triângulo é com tanta verdade e precisão de não poder ser ainda mais verdadeiro e preciso. Por outro lado, o triângulo, desligado de toda alteridade variável, como está na mente, não pode ser ainda mais verdadeiro. Por isso, a própria mente, que intui em si as figuras, as contempla livres da alteridade sensível, descobre também a si mesma livre da alteridade sensível. Está, portanto, livre da matéria sensível e se comporta como forma com relação às figuras matemáticas. Se alguém disser que as figuras são

como formas, a mente será forma das formas. Por isso, as figuras estarão na mente como na sua forma, porém, sem alteridade. Qualquer coisa que a mente intui, a intui em si. Aquilo que a mente intui não está na alteridade sensível, mas em si. O que está desligado de toda alteridade não possui outro modo de ser diferente da verdade. De fato, a verdade não é outra coisa que carência de alteridade. Mas, a nossa mente, se bem careça de toda alteridade sensível, não está privada de toda alteridade. A mente, que não está privada de toda alteridade, pelo menos mental, vê as figuras desligadas de toda alteridade. Portanto, as intui na verdade e não fora de si. De fato, as intui e isso não pode acontecer fora de si mesma. Mentalmente as intui e não fora da mente. A intuição mental não acontece fora da mente, como o sentido que percebe sensivelmente, não percebe fora do sentido, mas no sentido.

A mente que intui em si mesma o inalterável, mesmo sendo ela alterável, não intui o inalterável na sua alterabilidade, por exemplo, a ira impede que a alma possa distinguir o verdadeiro, todavia o intui na sua inalterabilidade. A verdade é inalterabilidade. Portanto, onde a mente intui o que ela intui, ali está a sua verdade e de tudo o que ela intui. A verdade, portanto, na qual a mente intui todas as coisas é a forma da mente. Por isso, na mente está o lume da verdade pela qual a mente é, na qual intui a si mesma e a todas as coisas como na vista do lobo se encontra a luz pela qual a vista é e na qual o lobo vê todas as coisas que vê. Se Deus, junto com os olhos, criou para o lobo essa luz, sem a qual o lobo não poderia caçar o nutrimento à noite para conservar a sua vida, Ele, certamente, junto com a natureza intelectual que se nutre com a caça da verdade, não deixou de criar a luz que lhe é necessária. Mas a mente intui a própria verdade, pela qual intui a si mesma e a todas as coisas, somente com relação ao fato de que a verdade é, não com relação àquilo que a verdade é. Como a vista não vê a claridade da luz daquele sol pelo qual vê todo o visível, mas experimenta não ver sem essa, assim a mente alcança “*que é*”, mas jamais “*o que é*”. A vista não colhe a quantidade da luz porque essa é tão grande que supera sua capacidade, o mesmo diga-se da mente.

Por isso a verdade na mente é, por assim dizer, como espelho invisível, no qual a mente intui todas as coisas visíveis por meio de si mesma. Esta simplicidade especular é tão grande que supera a força e a agudeza da

mente. Quanto mais aumenta e se aguça a força da mente com maior certeza e clareza essa intui todas as coisas no espelho da verdade. Esta força aumenta com a especulação do mesmo modo que uma centelha quando queimando se inflama sempre mais. E aumenta quando realiza em ato mais e mais a potência graças à luz da verdade. Digo que a sua força aumenta, porque não chegará jamais a um tal grau que a luz da verdade não possa atraí-la a um grau mais elevado. Assim, a especulação é um pasto diletíssimo e inexaurível da mente por meio da qual a mente entra sempre mais na sua vida plena de alegria. A especulação é o movimento da mente daquilo “*que é*” para o “*o que é*”. Mas porque aquilo “*que é*” é distante infinitamente de “*o que é*”, por esse motivo, um tal movimento não cessará jamais. E este movimento é sumamente deleitável, porque está voltado para a vida da mente. E este movimento possui em si a quietude. Movendo não se cansa, mas se inflama sempre mais. E quanto mais velozmente se move mais deleitavelmente é transportado da luz da vida para sua vida.

O movimento da mente acontece ao mesmo tempo em linha reta e circular. De fato, começa daquilo “*que é*”, ou seja, da fé e tende para o ver, ou seja, “*o que é*” e se bem, estes termos estejam distantes como que por uma linha infinita, todavia, este movimento tenta completar-se e reencontrar, no princípio, o fim e o “*o que é*” onde está aquilo “*que é*” e a fé. Esse procura esta coincidência onde o princípio e o fim do movimento coincidem. Este movimento é circular. Por isso a mente especulativa com movimento retilíneo se encaminha para a coincidência dos termos maximamente distantes. A medida do movimento da mente especulativa e deiforme, portanto, é configurado como uma linha na qual a retidão coincide com a circularidade. Por consequência, é necessário que a medida simples da linha reta e da linha circular seja uma única medida. O opúsculo *Complementos da matemática* demonstra em que modo a linha reta e a circular coincidam não só nas figuras teológicas, mas também naquelas matemáticas. E nos leva sem hesitação a afirmar teologicamente na teologia o que se afirma matematicamente na matemática.

[3] No meu opúsculo *Complementos da matemática* falei da arte de encontrar a circunferência do círculo que tem a medida da linha reta. Esta se alcança por meio da circunferência de três círculos. Considera um

polígono de lados iguais e seja inscrito em um círculo e circunscrito por um círculo. Uma é, então, a circunferência do círculo circunscrito, outra aquela do círculo inscrito e outra é a do polígono. Na verdade, em um círculo não se encontra outro círculo que lhe seja circunscrito, nem outro círculo que lhe seja inscrito. Por isso estes três círculos, o inscrito, aquele circunscrito e aquele isoperimétrico do polígono coincidem na circunferência, na grandeza e em todas as outras propriedades circulares. Assim, temos três círculos que são um só, e são o círculo uni-trino que não poderia de nenhum modo aparecer se não se considerasse os polígonos. De fato, onde os dois círculos, o inscrito e o circunscrito, aparecem diferentes e, por outro lado, o perímetro do polígono é maior que a circunferência do círculo inscrito e menor do que o circunscrito, os três diferentes perímetros nos conduzem ao conhecimento do círculo uni-trino isoperimétrico. E esta trindade, que está em todos os polígonos, junto com os perímetros distintos, está no círculo sem nenhuma distinção de grandeza. E um círculo é igual em tudo a outro, e nenhum está fora do outro. Se é assim na matemática, de modo mais verdadeiro o é na teologia.

A coincidência da linha circular com aquela reta não pode ser negada por quem intua que a verdade é inalterável. Se a inalterabilidade é a verdade, essa não recebe nem o mais, nem o menos. Se é verdade que este pedaço de madeira tem o comprimento de dois pés, esse não é, então, nem maior, nem menor. A verdade é, portanto, infinita. Somente a infinidade não pode ser maior nem menor. Se, portanto, se coloca uma circunferência que não pode ser maior, enquanto não possui um termo da sua grandeza, então, essa é infinita. Do mesmo modo, é infinito o círculo cuja circunferência é infinita. Esse não pode ser menor, porque não possui partes. E se como, quanto mais o círculo é maior, tanto mais a sua circunferência é reta, a circunferência do círculo infinito é retilínea. Portanto, a linha circular e aquela retilínea coincidem no infinito. A infinidade é, portanto, retidão, ou seja, justiça absoluta. Se observamos o modo como descrevemos o círculo, encontraremos que primeiro vem o ponto, a partir do ponto se explica a linha e do ponto e da linha o círculo. Portanto, em qualquer círculo encontramos o centro, o raio e a circunferência. Sem estes não compreendemos se a figura é um círculo ou um não círculo. De modo que, se se coloca um círculo infinito, o centro, o raio e a circunferência devem ser sumamente iguais.

O centro do círculo infinito é, de fato, infinito. E não se pode dizer que um infinito seja maior que o centro. O que não pode ser menor, como infinito e o que não possui fim, não pode ser dito nem mesmo maior que o centro. O centro é o termo do raio. O termo do infinito é infinito. O centro do círculo infinito é, então, infinito. Assim, do mesmo modo o seu raio e a circunferência são, igualmente, infinitos. Portanto, a igualdade do centro, do raio e da circunferência do círculo infinito é total. E porque não podem existir muitos infinitos, de tal modo que nenhum destes seria infinito – implica contradição que existam muitos infinitos – o centro, o raio e a circunferência serão um só infinito. Nós vemos que os polígonos são constituídos por linhas retas. Será, então, infinito o círculo com o qual coincide todo polígono de lados infinitos. E porque vemos que os círculos inscritos e circunscritos do polígono são diferentes do perímetro do polígono e que estes três perímetros coincidem no círculo isoperimétrico, percebemos então o círculo uni-trino. Do mesmo modo, nas figuras teológicas encontramos o círculo infinito uni-trino, se consideramos os polígonos, ou seja, as criaturas finitas. O círculo uni-trino é aquele no qual o centro é o círculo, o raio é o círculo e a circunferência é o círculo. E é o mesmo círculo que no círculo infinito está, ao mesmo tempo, o círculo inscrito, escrito e circunscrito. Portanto, não depreenderemos a trindade do círculo infinito se intuímos somente a sua infinidade. Se, por outro lado, consideramos também as figuras ou as formas que possuem lados, limites e ângulos, compreenderemos que o círculo infinito é uni-trino. Mas a igualdade plena faz com que um seja no outro e somente um seja o perímetro infinito de todos.

É necessário considerar com atenção que não chegamos à verdade da igualdade da medida circular e reta senão quando observamos que o círculo isoperimétrico é uni-trino pela coincidência nos polígonos dos círculos diferentes. Assim, sem o infinito uni-trino não se pode atingir a verdade de coisa alguma. Como o círculo mede todo o polígono e, não é nem maior nem menor, porque é o círculo uni-trino no qual coincidem toda a diferença dos polígonos, como se demonstra matematicamente, assim o uni-trino infinito é a forma, a verdade ou a medida de todas as coisas que não são ele mesmo; é a própria igualdade que é também a verdade de tudo. Não é maior nem menor do que qualquer coisa que é possível ou formável. Mas, é a forma

igualíssima de toda forma formável e o ato de toda potência. Aquele que intui o próprio infinito uni-trino, ascendendo das figuras matemáticas às teológicas, adicionando a infinitude às figuras matemáticas, livrando-se das figuras teológicas para contemplar com a mente exclusivamente o infinito uni-trino, porquanto lhe será concedido, este vê que o uno é tudo de modo complicado e que tudo é o uno de modo explicado. Se se intui o infinito sem considerá-lo na relação com o finito, não se depreende nem se as coisas finitas existem, nem a sua verdade ou medida. Não se pode, portanto, ver igualmente a criatura e o criador caso não se afirma o infinito uni-trino.

[4] Os antigos procuraram uma arte para tornar o círculo igual a um quadrado. Esses pressupuseram que isso fosse possível. A igualdade, segundo todos, complica em si tanto o círculo quanto o quadrado. Adicionemos, então, infinidade à igualdade. Veremos, então, evidentemente que a igualdade infinita não pode ser desigual a nada. De fato, nada do que se pode dar pode exceder a igualdade infinita, porque essa não pode ser menos igual. Essa não será mais igual a uma coisa e menos igual a outra, mas deve ser a ideia, a verdade, o exemplar ou a medida de todas as coisas que podem receber o mais e o menos. Tudo aquilo que não é a igualdade infinita, pela qual todas as coisas iguais são iguais, é mais igual a uma coisa que a outra. E, dada uma igualdade qualquer entre coisas diversas, sempre se pode encontrar uma maior; nem se pode saber se duas coisas são mais iguais a outras duas, se não pela medida da igualdade absoluta e infinita. Portanto, a igualdade absoluta mede todas as figuras, tanto as retas quanto as circulares, que necessariamente coincidem na complicação da igualdade e se se considera com agudeza, o que é pressuposto em toda procura é a própria luz que nos conduz ao que é procurado.

Aqueles que procuraram a quadratura do círculo, pressupuseram a coincidência do círculo e do quadrado na igualdade que, certamente, não é possível nas figuras sensíveis. Na matéria, de fato, não se pode dar um quadrado que não seja desigual de qualquer círculo dado. Esses não intuíram tal igualdade, por eles pressuposta, com os olhos da carne, mas com aqueles da mente e se esforçaram para mostrar racionalmente. Mas, porque a razão não admite a coincidência dos opostos, eles falharam. A coincidência devia ser procurada intelectualmente no círculo encontrado

em qualquer polígono diverso e também no círculo de igual circunferência com outro. E, então, esses teriam alcançado o seu objetivo.

A partir disso, se infere que não existe nenhum ser que possa ser conhecido em ato, senão no modo do intelecto infinito que é igualdade infinita, que é anterior a todo diverso, diferente, outro, desigual, oposto ou qualquer coisa que exprima desigualdade; intelecto infinito, no qual e pelo qual todo inteligível é medido. Nisso se desvela o mistério pelo qual quem procura pressupõe o quê procura e não pressupõe por que procura. Todos aqueles que procuram o saber supõem que o saber é aquilo pelo qual todo sábio é sábio. E que nada é conhecido a não ser que seja conhecido em ato pela ciência infinita; que a ciência infinita é a verdade, a igualdade e a medida de toda ciência. E que somente por essa se conhece tudo o que é conhecido. Quem, portanto, procura saber é movido por uma arte ou ciência infinita e, se à luz dessa arte que lhe foi infundida se moverá dentro do seu pressuposto, será guiado até aquilo que procura. Se se considera, por outro lado, com mais atenção ainda, quando a infinidade se soma ao termo, porque dissemos que a adição da ciência infinita não faz que tirar ao termo o próprio termo, é possível intuir mentalmente que aquilo que é significado com a expressão ou com o termo, é o infinito ou o que não possui termo. E, quando a mente intui que o terminado é sem termo ou que o finito é infinitamente, então, vê acima de toda oposição e alteridade, as quais somente se encontram naquilo que é terminado; a terminação não pode ser, de fato, sem a diversidade e nessa se encontra a variedade, que recebe nomes diversos pelo fato de ser grande ou pequeno. Se se suprime a terminação, a diferença se transforma em concordância, a desigualdade em igualdade, a curvatura em retidão, a ignorância em ciência e as trevas em luz. Resulta, então, de que modo suprimido os termos, nós encontremos a multiplicidade dos entes terminados de modo não múltiplo no princípio único sem termo e inefável.

**[5]** Consideres, então, de que modo estar terminado todo polígono de um certo número de ângulos igualmente distantes do centro e como, de acordo com o número dos seus ângulos, a partir dos quais diz-se polígono, é-lhe dado um nome ou o termo. Por exemplo, com o termo triângulo se chama o polígono de três ângulos, com o termo quadrângulo



aquele de quatro ângulos e assim por diante. Quantos mais ângulos terá o polígono de lados iguais, tanto mais será parecido ao círculo. E se consideras somente este círculo, não encontrarás nesse nenhum ângulo: esse é sem termos e sem ângulos. E assim o círculo sem ângulos e sem termos complica em si todos os polígonos dados, ou todos os polígonos possíveis, que possuem ângulos e são terminados. Se, de fato, o triângulo está no quadrado e o quadrado no pentágono, e assim por diante, descobres que todos os polígonos dados e possíveis, estão no círculo.

Considera atentamente agora de que modo o círculo infinito complica em si toda figura ou forma limitada, mas não como círculo finito. De fato, porque o círculo finito é mais capaz, ele contém em si as figuras menos capazes, como o todo contém a parte; por outro lado, o círculo infinito não as complica desse modo, mas como a verdade, ou seja, a igualdade. Nenhuma criatura, como polígono do círculo finito, possui nada de onipotente, porque a onipotência não é divisível e não recebe o mais e o menos. O círculo finito que recebe o mais e o menos, não pode complicar os polígonos do mesmo modo que a onipotência complica todas as coisas termináveis. A mente ascende assim das figuras que possuem muitos ângulos e do círculo que complica todos os ângulos formáveis, até as figuras teológicas e, depois, abandonando tais figuras, intui a virtude infinita do primeiro princípio e das outras virtudes que estão complicadas nele, as suas diferenças e as suas assimilações ao simples, e intui que o triângulo infinito é o círculo infinito e o quadrado infinito é o círculo infinito e assim por diante; por isso, o círculo infinito é a forma das formas, ou seja, a figura das figuras, e esta é a ideia do triângulo, do quadrado, do pentágono e a igualdade de ser do triângulo, do quadrado e assim por diante. Em relação a posição do círculo infinito segue, portanto, que todas as figuras são o que são.

Vê de que modo admirável o matemático, quando desenha o polígono contempla o exemplar infinito. De fato, quando traça um triângulo de uma determinada quantidade, não contempla o triângulo de uma determinada quantidade, mas aquele livre de toda quantidade, qualidade, grandeza e multiplicidade. Por isso quando desenha um de uma certa quantidade, não recebe do exemplar, nem há a intenção de fazer um de uma certa quantidade, mas como não pode desenhar aquele triângulo que é concebido

pela mente já que deve fazer um triângulo sensível lhe vem a quantidade, sem a qual o triângulo não pode se tornar sensível.

O triângulo, portanto, que o matemático contempla não é nem grande nem pequeno, nem é limitado pela grandeza ou pela multiplicidade. Esse é infinito. Por isso o triângulo infinito que é o exemplar do qual a mente do matemático que desenha o triângulo possui a intuição, não é diferente daquele exemplar contemplado pela mente quando o matemático traça o quadrado, o pentágono ou o círculo. O círculo que é contemplado pela mente quando essa traça o círculo, não sendo quantitativo, não é nem maior, nem menor do triângulo que não possui quantidade, mas é a igualdade de ser. Uma só é a igualdade infinita de ser que contemplo quando desenho as figuras diversas. O criador, enquanto cria todas as coisas, cria-as voltando-se para si mesmo, porque ele é infinidade que é igualdade do ser.

**[6]** Além disso, consideras atentamente como traças o círculo. Em primeiro lugar desenhavas o centro com um ponto, depois o prolongas em uma linha. Então, alongas a linha ao redor do ponto. De tal modo que a partir do ponto e da linha reta nasce a linha circular. Se, fazendo assim, voltas o olhar para a igualdade absoluta do ser, então vês nessa algo similar. O círculo ao qual voltas o olhar, que é inefável ou nominável com os nomes de todas as figuras, é de um modo tal que possui um centro do qual nasce a linha, e dessa a circunferência. Mas porque é infinito, o centro, a linha e a circunferência são a igualdade, como dissemos acima. Por isso o centro não existiu antes da linha, nem o centro e a linha antes da circunferência, porque, se fosse assim, não existiria nem a suma igualdade do centro, da linha e da circunferência, nem uma só infinidade. Uma tal igualdade na infinidade é eternidade. O centro, a linha e a circunferência procedem do eterno. Porém, a linha é explicação do ponto, e a circunferência é explicação do ponto e da linha. O centro, na eternidade, gera eternamente, ou seja explica, a partir da sua virtude complicante a linha consubstancial gerada. E o centro, junto com a linha, explica eternamente o nexos, ou seja, a circunferência.

Se a fecundidade infinita para a qual olha a mente quando traça o círculo que não pode ser desenhado sem o tempo e a quantidade, se comporta deste modo, do mesmo modo se comporta a mente quando se propõe

representar os polígonos de lados iguais. A mente faz com que os ângulos tenham a mesma distância a partir do centro, e para que a linha que parte do centro, que é a igualdade da distância do centro a partir dos ângulos e a partir da circunferência ou perímetro, configure o polígono. A mente olha para a fecundidade infinita para realizar o que propõe de perfeito, de belo, de agradável e de prazeroso. Assim o criador, voltando-se a si mesmo e à sua fecundidade infinita, cria a essência fecunda da criatura, na qual está o princípio complicativo da virtude, que é o centro ou a entidade da criatura, a qual complica em si a sua virtude. E a virtude do ente, complicada no centro, é explicada como na linha traçada, a qual é a virtude do ente gerada ou explicada a partir do ente. E a partir do centro e da linha procede a circunferência, ou seja, a operação.

Considera, também, que o centro é o princípio paterno que, com relação às criaturas, pode ser chamado entidade. E que a linha é como o princípio a partir do princípio e, assim, é a igualdade. O princípio tem a partir do princípio a suma igualdade do princípio do qual é, e a circunferência é como a união ou o nexo. De fato, a partir da eternidade infinita e da sua igualdade procede o nexo. Esse conecta a igualdade à unidade e assim quando o criador olha para si mesmo, cria a unidade, ou seja, a entidade, ou seja, o centro e a forma ou igualdade de ser e o nexo de ambos. A criatura flui a partir do criador no melhor modo permitido pela condição de sua natureza, na semelhança do criador, como esclareci em outro lugar<sup>6</sup> ilustrando mais amplamente o meu conceito sobre este argumento.

[7] Sabe-se a partir da matemática que o reto se diz de um único modo. Uma linha reta grande ou pequena que seja não é menos reta ou mais reta que uma outra linha. Concebe-se, então, que a retidão infinita como não é limitada pela quantidade, não está sujeita a diminuição nem a acréscimo. A retidão absoluta é, portanto, infinita. A curvidade não pode ser infinita, porque a linha circular do círculo infinito não pode ser curva, porque é infinita. Toda curva está fechada pelos limites da sua grandeza. A curvidade não possui outro exemplar além da retidão. Quem deseja representar a linha curva considera com a mente aquela reta e a faz derivar a partir dessa em linha curva.

---

<sup>6</sup> *Cribr.* II 3 n. 94,3; *De beryl.* n. 14, 1sq. et notas; *Idiotam de mente* II n. 132,9.

A curvidade mais próxima à retidão infinita é a semelhança da curvidade do círculo. A retidão infinita é a eternidade que não possui princípio, nem meio, nem fim, nem quantidade, nem qualidade. A curvidade do círculo que é necessariamente composta e possui quantidade, possui a coincidência do princípio e do fim e deriva necessariamente a partir da retidão infinita como do seu princípio e da sua verdade. A curvidade não é a partir de si mesma, mas da retidão que é a sua medida. De fato, o reto mede o curvo.

A curvidade do círculo deriva da retidão infinita de um modo mais perfeito do que da curvidade não circular, porque, do mesmo modo que a retidão infinita essa não possui princípio, meio e fim também na curvidade do círculo estes coincidem e não distam nem diferem. Por isso a curvidade do círculo é mais parecida com o infinito que a retidão infinita na qual o princípio, o meio e o fim não distam. A retidão infinita pela sua infinidade, é onipotente e criadora. Por isso, a curvidade do círculo se assemelha mais à retidão infinita, do que à retidão finita, enquanto é mais parecida com o infinito. Todos nós que possuímos mente somos tocados pela figura circular que nos aparece completa e bela pela sua uniformidade, igualdade e simplicidade. Isso acontece porque nessa resplandece a forma das formas com mais semelhança que em qualquer outra figura.

Observa como a mente é atraída ao exemplar do círculo, à forma e à beleza infinita para qual somente olha. Quando a mente está atraída para uma criatura, não está também atraída ao mesmo tempo para o criador, que é o seu amor e dileção? O zelo daquele que procura Deus consiste, portanto, em voltar-se àquilo que a mente contempla quando ama ou quando é atraída, àquele pressuposto em que encontrará a doçura inefável do amor. Se tudo aquilo que é amado possui do amor o que é amável, o amor absoluto se for degustado, não diminuirá.

**[8]** Não devemos esquecer que se um círculo gira sobre uma linha reta não a toca somente em um ponto. A circunferência dista de modo igual do centro. A reta tangente toca aquela circular somente em um ponto. Imagine a partir daqui que o tempo, que gira circularmente, possui uma figura semelhante ao círculo, porque é constituído pelo movimento quase circular do céu. O tempo é a medida do movimento. Quando o tempo que carrega em si a imagem da eternidade, gira, gira num modo de acordo com

o qual giraria o círculo sobre a linha reta infinita. O tempo não subsiste em si, mas subsiste no seu giro sobre a linha infinita, ou seja, na eternidade. E, assim, o tempo todo não subsiste por si, nem pode subsistir se não enquanto gira sobre o ponto da eternidade. Porque é verdadeiro para todo círculo, seja grande ou seja pequeno, que esse subsiste somente no contato pontual da linha reta, infinita, então, qualquer criatura quando considerada no tempo pode ser assimilada na sua duração ao círculo, grande ou pequeno que gira. E qualquer duração seja longa ou breve, não terá mais eternidade que uma outra. Em um só instante da eternidade todos os círculos subsistem e giram. Consideras assim que a eternidade é a subsistência do tempo, o metro e a medida de toda duração, mesmo se essa é simplicíssima, indivisível e não se comunica ao tempo. Compreendes também que é impossível que o tempo seja eterno mesmo se não vemos que as revoluções quase circulares tiveram um princípio por causa da coincidência do princípio e do fim. É impossível, de fato, que o movimento circular, sendo curvo e curvado sobre si, exista por si. Por isso, o movimento circular é a partir do criador, que é a retidão infinita e a eternidade. A curvidade pressupõe o seu criador do qual toma este nome, enquanto deriva dele.

Não é verdadeiro, portanto, que o giro da revolução circular seja preciso, como escrevi na *Douta Ignorância*<sup>7</sup> ou que a revolução circular do movimento solar tenha acontecido infinitas vezes. A infinidade não pode ser comparável ao número das revoluções circulares mesmo se pudéssemos contar dez, cem, mil revoluções e todas aquelas passadas, se alguém dissesse que não todas são numeráveis, mas aconteceram infinitas e dissesse que uma revolução futura acontecerá em um ano futuro, as revoluções seriam infinitas e uma só: o que é impossível. E se é verdadeiro que o fim das revoluções do sol será no dia onze do mês de março, é verdadeiro também que as revoluções solares tiveram um início e não foram eternas, nem são infinitas. A eternidade e a infinidade não podem convir ao movimento cuja medida é o tempo, mas exclusivamente ao movimento cuja medida é a eternidade, como se chamássemos a geração e a processão nas figuras divinas, das quais falamos acima, movimento de fecundidade infinita, cuja medida é a eternidade.

---

7 *De docta ignorantia*, II, 12, 160 e 163 ss.

**[9]** Não hesite em considerar de que modo a capacidade do círculo isoperimétrico supera a capacidade de todos os polígonos formáveis, complica em si toda capacidade e é em ato a capacidade de toda capacidade possível e de que modo, dado um círculo de perímetro igual com um polígono, esse não possua uma capacidade igual, mas sempre maior e não abandona a sua perfeição, mesmo admitindo que o seu perímetro seja igual. A partir disso poderás rastrear que o criador mesmo sendo a suma igualdade e a medida verdadeira das coisas, nem maior nem menor, não cessa de possuir um vigor infinito. E debes acreditar que quanto mais a forma é unida e simples tanto mais a perfeição e a complicação são maiores. O círculo é mais simples que toda figura formável. Portanto, a força de sua capacidade é a mais perfeita entre as figuras. Por isso esta, que é a forma de todas as formas pela sua infinita simplicidade, possui um vigor infinito.

Considera com maior atenção de que modo a partir do ponto nasce a linha reta finita e desta as diversas figuras poligonais e, por último, o círculo. O triângulo é a figura que possui a capacidade mínima e o círculo aquela máxima. No meio estão os polígonos infinitos isoperimétricos de capacidades menor que o círculo e maior que o triângulo. Todos os polígonos e os círculos nascem de um único ponto e a figura é a semelhança da forma.

Vê, portanto, de que modo a forma triangular, que é infinita, possui uma virtude que é a sua capacidade triangular. Do mesmo modo, a forma triangular possui sua virtude e assim por diante. Disso segue que nenhuma forma é privada de uma virtude própria. E se como essas tomam o nome de polígonos do número dos ângulos, de modo que é triângulo aquele que possui três ângulos, quadrângulo aquele que possui quatro e assim ao infinito – o que dá o nome e distingue é a forma: o número portanto é forma. Mas todo número procede do uno, no qual está complicado.

Como a linha flui do ponto, assim o número flui do uno. Porque o polígono não pode ser sem a linha e sem o número, o polígono está na potência da linha. Da linha reta pode-se fazer o triângulo, o quadrângulo, o pentágono e os outros polígonos. E o polígono não se constitui em ato se não quando a linha, que é reta, forma um ângulo e junta seus extremos e toma forma a partir do número. O número procede da mente. Quem não

possui mente não pode numerar. A causa eficiente da forma é a mente. Por isso toda forma é a semelhança do conceito da mente de vigor infinito.

Parece, portanto, que o criador fez duas coisas: o ponto próximo ao nada. Entre o ponto e o nada não existe meio. Portanto, o ponto está próximo ao nada, porque se acrescentes ponto ao ponto não resulta nada de diferente de quando somarias nada ao nada. E o criador fez um outro próximo a si, isto é, o uno. E os uniu de modo que fossem um único ponto. E em tal ponto único aconteceu a complicação do universo.

Pode-se conceber que o universo tenha sido conduzido a partir desse único ponto, como se a partir de um único ponto se conduzisse uma única linha de modo que a partir dessa sejam formados um único triângulo, um único quadrângulo, e, por último, simplicíssimo, perfeitíssimo e muito parecido com o criador, o círculo. Se a partir da linha não podemos fazer o triângulo sem os três ângulos, na forma do triângulo coincide a unidade com a trindade: isto é, a unidade da essência e a trindade dos ângulos. E no quadrângulo coincide a unidade e a quaternidade, isto é, a unidade da essência e a quaternidade dos ângulos e assim por diante. Mas no círculo coincide a unidade com a infinidade: a unidade da essência com a infinidade dos ângulos. Mas a infinidade é unidade. O círculo é o ângulo inteiro: Assim esse é uno e, ao mesmo tempo, infinito. E é o ato de todos os ângulos formáveis a partir da linha.

Daí pode-se inferir que o criador do único universo, a partir de um único ponto que ele cria fez surgir um único universo a sua semelhança: como a nossa mente, querendo construir as figuras, começa a partir de um único ponto, prolonga-o em linha, dobra-a em ângulos de modo a fechar a superfície e formar um polígono. E porque sabemos a partir do opúsculo dedicado ao *Complemento da matemática* que, quando estendemos a linha de um modo, fazemos um triângulo, quando a estendemos de um outro modo fazemos um quadrângulo, e quando a estendemos de modo máximo fazemos um círculo, o círculo diz respeito às criaturas mais perfeitas e mais semelhantes ao seu criador, como são as mentes celestes.

Nada é mais nobre do que a mente. A mente humana parece assemelhar-se ao princípio do universo: é comparável ao ponto único

que se prolonga em linha, adquire uma capacidade e se faz, por exemplo, triângulo. E porque a mente possui vida mental e se compraz no sentir-se estendida na capacidade, estende-se numa capacidade maior quadrangular ou pentângular e assim por diante. Mas jamais poderá estender-se até aquela capacidade que não pode ser ainda mais capaz. Aproxima-se sempre mais da capacidade do círculo, sem jamais alcançá-la com a sua virtude; mas é levada pela graça do seu criador da capacidade angular à circular: como os alunos são levados da leitura dos livros particulares para a ciência universal e para a maestria de ler todos os livros. Quem ler os escritos particulares, lê-os à luz de uma certa arte. No final, perfeciona-se até fazer-se mestre. Este é um exemplo que te permite ver que existe diferença entre as mentes que alcançaram a perfeição da capacidade mental, enquanto foram levadas no mundo inteligível, e aquelas que procuram essa capacidade no mundo sensível sob sinais particulares sensíveis, como sabemos pela experiência matemática dos polígonos e dos círculos.

**[10]** Mesmo sendo a figura mais perfeita, o círculo não pode tornar-se igual a retidão infinita que é também círculo infinito. Nenhuma figura pode ser feita a partir da reta infinita, porque essa é em ato todas as figuras que se pode formar. Uma tal retidão não é flexível de modo a ser diversa de como é e não possui extremos. Mesmo que a linha reta finita seja a similitude da linha reta infinita, pela sua finitude e imperfeição tem muita potência. Por isso, com a linha reta finita se podem fazer figuras que limitam superfícies diversas, mesmo que essa não seja nada em ato. Quando a partir da linha reta finita se faz uma figura, por exemplo um triângulo, porque as extremidades da linha foram ligadas, não se pode fazer com a mesma linha um outro polígono, a não ser que se desfaça essa figura e se volte para a linha reta. A partir disso compreendes que a forma e o fim coincidem, a forma não está em potência com relação à forma, pois a partir de uma forma não pode ser feita outra forma.

A forma é o termo do movimento e o ato da potência, e não a potência. Por isso as espécies não mudam uma na outra. Uma forma pode, todavia, estar em uma outra, como o triângulo no quadrângulo, mesmo que o triângulo não se transforme jamais no quadrângulo. Mas a forma que está em outra não é a forma específica, mas a genérica, porque ali pode estar



somente a forma específica do singular, isto é, do indivíduo. Por isso a forma que está em uma outra está como gênero na espécie, como vegetativo no sensível e, no caso do homem, o sensível no racional. E, como o triângulo no quadrângulo não se chama quadrângulo, mas o quadrângulo toma o nome da sua forma última que complica na sua capacidade aquela triangular, assim a forma está na forma de tal modo que a forma última, que não recebe o mais e o menos e consiste em algo de indivisível, complica em si, ou na sua capacidade, as formas inferiores que se encontram nessas de modo complicativo e não explicadas formalmente e atualmente.

Além disso, se observas bem, a forma é o que limita a coisa. Quando a partir da linha se pode configurar um polígono qualquer, se a figura triangular delimita uma tal potência, essa é um triângulo. E, porque triângulo quer dizer três ângulos e qualquer polígono possui ângulos, a forma substancial não é denominada a partir dos ângulos que são comuns a todos os polígonos nem mesmo a partir dos lados, nem a partir da linha que é o perímetro: de fato, o perímetro, os lados, os ângulos, são comuns a todas as figuras, mas não o número dos ângulos. A forma substancial do polígono, portanto, toma o seu nome a partir dos números dos ângulos que é especial.

Se se coloca que a unidade é o princípio, porque termina a coisa e é assim, a forma terminante, o número será a substância da coisa. Devemos considerar, além disso, que se a unidade é substância, igualmente o é o número, porque o número é composto de unidade. Mas na ordem da natureza a coisa possui primeiramente o ser e depois o ser distinta, ou possui antes o ser que o ser indivisa a partir de si e divisa a partir das outras coisas; assim a forma dá antes o ser e, depois desse, que seja indivisa a partir de si e divisa a partir de qualquer outra, afim que, por isso, seja dita una. Portanto, se diz que uma coisa é una por aquela unidade que é o princípio do número; e, porque segue o ser, é um acidente. Tudo isso que vem depois do ser é o seu acidente. A unidade, assim considerada, chega acidentalmente à coisa e é princípio do número. Então os números não são a substância das coisas, porque são explicados a partir de um princípio accidental.

A unidade, por outro lado, que é o princípio, complica todo o vigor da unidade. Essa é o princípio que, junto, delimita e faz uno. Fazendo o

uno termina-o e terminando o faz uno. Quem considera esta coincidência entende porque os pitagóricos e os peripatéticos não falam do mesmo modo, quando os pitagóricos dizem que o número é substância e os peripatéticos quando dizem que é acidente. E vê, para além da unidade e da outra afirmação, a coincidência no número, no qual coincidem a simplicidade e a composição, porque a sua composição é de si mesmo e assim é simplicidade, como expliquei em outro lugar<sup>8</sup>. Acima daquilo que os peripatéticos chamam substância e acidente, lá onde colocam o ente, ali deve-se colocar o uno que se converte com o ente. Por isso se deve julgar diversamente o número, que procede da mente, segundo se esse procede da unidade da mente incriada ou da mente criada.

A unidade do primeiro número, de fato, se comporta como a forma natural, aquela do segundo, como a forma da arte. A forma natural é substancial e, portanto, é-o também o número daquela unidade. A forma da arte que é uma figura, é acidental, porque vem depois do ser da coisa. Por isso também a sua unidade é acidental. Quando nomeamos uma forma substancial, dizemo-la una a partir daquela unidade que só pode ser substancial. E esta unidade substancial da forma é a própria forma. Por isso, quando esta forma una dá o ser, o seu dar é ser, terminar, unir, formar. Mas, como já falei bastante sobre isso em outros opúsculos<sup>9</sup>, seja suficiente o que se disse agora.

[11] Não devemos esquecer, além disso, que se pode dar uma linha circular igual a uma dada linha reta e não vice-versa. Não se pode saber, de fato, o que vem depois se não se conhece o que vem antes e também agora. Somente em proporção como eu disse frequentemente no livro *Complemento*<sup>10</sup>.

Os antigos procuraram a quadratura do círculo. Esta procura pressupõe que, dada uma linha circular, se pode dar uma linha reta igual a esta.

---

<sup>8</sup> *De docta ignorantia*, L II, Cap. 7, n. 129; *De pace fidei*, 8, n. 22; *De vanatione sapientiae*, 8, n. 22; Cap. 21, n. 60.

<sup>9</sup> *De dato patris lumem. 2 nn. 98sqq.*

<sup>10</sup> De acordo com a *Opera Omnia* (Vol. X, 1994), cf. *De math. compl. (p II 2 ff. 67r, I-69r < recte: 68r >, 3).*

Esses não conseguiram jamais encontrá-la. Mas, se tivessem procurado a circulação do quadrado, talvez a tivessem encontrado. A partir daí se conclui que o círculo não é medido mas medido, isto é, que a eternidade não é mensurável porque excede todo mensurável, mas a eternidade mede toda duração. A infinidade não é mensurável porque o infinito é sem termo. Esse não pode, portanto, ser fechado pelos termos de uma medida qualquer, mas o infinito é a medida de tudo.

O infinito é o fim e o termo de tudo como medida absoluta. Não é mensurável por nenhuma medida contraída. E, porque nenhuma medida é sem a medida absoluta segue-se daí que esta é a medida verdadeira e justíssima de toda medida contraída e nominável: como a brancura não é mensurável com qualquer coisa branca, mas a brancura mede toda coisa branca, porque o branco é branco pela brancura. A partir disso é evidente que Deus não pode ser compreendido por nenhuma criatura porque não pode ser medido por nenhuma mente. Ele é maior que qualquer capacidade. Mas, se Deus deve ser atingido, é atingido não como é atingível em si, mas como o pode sê-lo em quem o atinge: isto é, na igualdade da medida de quem o colhe. Assim aquele que atinge Deus o atinge de acordo com a medida da sua capacidade; como, dada uma reta finita qualquer é possível encontrar uma circunferência que não é maior nem menor que essa.

Chamamos igual o que não é nem maior nem menor, mesmo se não é igual àquela igualdade que convém à substância. Uma substância não é mais substância do que outra, porque a substância não é quantidade. Por isso a substância não recebe o mais e o menos como a quantidade, mas, disso não segue que todas as substâncias sejam iguais. Uma, de fato, é mais perfeita que uma outra. Conclui-se a partir daí que quando uma única coisa visível é vista por muitas pessoas, não é vista jamais do mesmo modo, porque duas pessoas não podem ver jamais com precisão do mesmo modo. Cada uma colhe e mede o visível com seu próprio e singular ângulo ótico e não julga que o visível seja maior ou menor de como o ver com seus olhos. Todavia, o visível não é jamais colhido por um olho no modo preciso segundo o qual é visível. O mesmo vale para a mente e para o seu objeto, ou seja, a verdade de Deus. Aquilo que é o ângulo com o qual a vista ver, é a capacidade com a qual a mente mede. Isto implica que a vista não pode, como vista,

modificar o seu ângulo ou fazê-lo maior ou menor de modo a ver com mais verdade e certeza, porque o ângulo não está na vista mas no seu órgão. A capacidade do intelecto, por outro lado, não está no órgão: não adere ao órgão corpóreo como o sentido, mas a sua possibilidade se atua de modo que pode continuamente atuar-se cada vez mais; como se o ponto em cuja potência está a linha sem termo, fosse tirado da potência em ato de modo que a linha fosse de um pé e a mente tomasse por medida uma tal linha e medisse tudo com o pé. Se depois o fluxo do ponto se estendesse ainda de modo que a linha fosse de dois pés, a mente mediria tudo com a medida de dois pés. Ora a mente se comporta de modo contrário.

De fato, a virtude unida é maior. Quando a mente pensa, primeiramente, com uma medida confusa, como se fosse a linha viva de uma quantidade indeterminada, e se contrai da incerteza confusa a uma qualquer certeza, faz como se a linha se contraísse para o ponto central para se tornar aquela linha que se chama pértica e porque com essa não se pode medir as medidas menores, toda coisa mensurável seria atingida somente por esta medida grosseira. Mas se a linha se contrai mais para o centro ou o ponto, até o tamanho de um pé, mediria todas as coisas mensuráveis com mais certeza e sutileza. E se continuasse a unir-se e simplificar-se acrescentaria a sua capacidade de medir, se tornaria mais certa e se aproximaria mais da precisão. A partir daí deduzas: a mente humana não é a enteléquia<sup>11</sup> como a vista o é dos olhos, porque a sua potência não depende do órgão, mas é como um fogo em potência que, tirada da sua potência por um movimento qualquer, possui em si o movimento pelo qual continuamente se atua ainda mais.

O fogo é comparado ao intelecto agente. O intelecto no qual a potência se esconde chama-se intelecto possível. O intelecto é tirado da potência por um certo ato da admiração que o move a fim de que indague o que é isso que o sentido percebe. Por isso está no corpo e o corpo lhe é necessário. Se fosse em ato, como a mente angélica, não seria colocado no corpo. O corpo é dado à mente somente para que essa seja estimulada pela maravilha sensível e se realize. Sabes, portanto, que a mente não depende do corpo, mesmo que não possa alcançar a perfeição sem o corpo. A mente não se

---

<sup>11</sup> *Idiota de mente* 7 n. 97,6

corrompe, mesmo que o corpo se corrompa, mas as vezes falta-lhe perfeição pela corrupção do corpo. A vista, por outro lado, desaparece quando falta o olho, sem o qual não ver. A mente mede com tanta mais precisão quanto mais em ato, quanto mais se separa do corpo, limita os órgãos do sentido e separando-se do corpo, se contrai no seu ser espiritual e central.

[12] Além disso, como o círculo mede qualquer polígono, a eternidade mede qualquer duração, assim também o repouso eterno e infinito mede qualquer movimento e a unidade do objeto qualquer potência. Devemos observar, por isso, de que modo são feitas a partir dos ângulos as transmutações das figuras por meio das proporções que existem entre elas, como dissemos engenhosamente muitas vezes nos *Complementos* citados. Assim, também Deus pode ser considerado como ângulo infinito com o qual é feita toda transmutação das coisas segundo a proporção imitativa.

Deus é como ângulo ao mesmo tempo máximo e mínimo. Dado um semicírculo imaginemos um semidiâmetro que de modo ortogonal está sob o diâmetro, formando dois ângulos retos, mova-se continuamente sobre o centro e tenda a coincidir com o diâmetro. É claro que um ângulo cresce sempre mais e o outro diminui e que jamais a coincidência do raio e do diâmetro formará um ângulo absolutamente máximo, porque poderia se tornar ainda maior, nem um outro absolutamente mínimo, porque poderia se tornar ainda menor. Mas se se supõe, que exista um ângulo simplesmente máximo será também simplesmente mínimo. Isto não se dará antes que as linhas coincidam. Se, portanto, consideras que os dois lados se reduzem a uma só linha reta, vêes que a essa não se pode dar o nome de ângulo. Disso concluas que quem ascende ao Deus infinito parece que ascenda mais ao nada que alguma coisa, como diz também o divino Dionísio<sup>12</sup>.

E assim vêes o Deus admirável que, quanto menos ele parece que seja, tanto mais é e, quanto mais alguma coisa parece impossível de Deus, tanto mais é necessária. O ângulo infinito complica necessariamente os opostos,

---

<sup>12</sup> De acordo com Hopkins (1998, p. 783, nota 116) a frase exata aludida por Nicolau de Cusa parece não se encontrar em nenhuma parte da obra do Pseudo-Dionísio. Essa passagem parece estar mais de acordo com Thierry de Chartres: *Commentarius in Librum Boetii de Trinitate* IV, 28, lines 35-36.

aquele máximo e mínimo ao mesmo tempo. Não pode existir uma quantidade infinita ou absolutamente máxima; o ser infinito é completamente livre de tudo aquilo que se pode verificar do finito.

Um tal ângulo que é infinito, seria a verdadeira medida de todos os ângulos, porque não seria nem o maior de todos, enquanto é o mínimo; nem o menor de todos porque é máximo. Assim, se é próprio da potência da geometria transformar as figuras curvas em retas e vice-versa por meio dos ângulos, então está no poder de Deus transformar todas as coisas entre elas por meio do ângulo infinito. Aquele ângulo infinito não pode ser senão Deus. Deus, portanto, por meio de si mesmo faz aquilo que quer e muda também uma coisa em outra. E não tem necessidade que Deus possua ângulos diversos para as diversas transformações ou que tenha vários instrumentos como é necessário à geometria: ele transforma todas as coisas com um único ângulo infinito.

Porque um tal ângulo é Deus, a vontade de Deus é Deus. Assim um tal ângulo absolutamente máximo, é a vontade de Deus. Por isso Deus transforma e muda todas as coisas somente com a sua vontade. Além disso, aquele *Complemento* ensina a encontrar também os ângulos incomensuráveis que são como as linhas incomensuráveis, por exemplo, o lado do quadrado que é incomensurável com a diagonal, porque, se se supõe que uma destas linhas seja expressa por um número par a outra não poderá ser expressa pelo número par nem por um número ímpar. Porque não sabemos numerar as relações de todas as linhas, frequentemente caímos no erro a propósito das cordas e dos arcos. Mas, como o número infinito complica em si tanto o número par como o número ímpar, tudo é numerado por meio dele.

Considera, depois, que a metade da proporção dupla<sup>13</sup> não é numerável por nós e, dado um número qualquer que lhe se aproxima, pode-se sempre dar um mais próximo ao infinito. O infinito é preciso. Por isso o número infinito, que não é mais par do que ímpar e não é mais número que não

---

<sup>13</sup> Para as fórmulas *medietas duplae* e *medietatem duplae proportionis*, Cf. Nicolo Cusano (1972, p. 634-635, nota 10); Cfr. Hopkins (1998, p. 783, nota 126).

número, mas é número inumerável, numera exatamente o meio da proporção dupla e todas as coisas. De tal modo vê o número incompreensível, infinito e inumerável que é igualmente máximo e mínimo e que nenhuma razão colhe senão na sombra e na escuridão, porque é sem proporção com relação a todo número numerável; e vê que Deus, que se diz número de todas as coisas, é número sem quantidade discreta, como é grande sem quantidade contínua, e é também o ângulo infinito que é o número infinito, pelo qual este número simplicíssimo numera, mede e transforma de modo simplicíssimo todas as coisas e qualquer uma.

Depois de ter considerado de modo sutilíssimo estas coisas, vê claramente que a Deus, que é maior do que se pode pensar<sup>14</sup>, ou seja, é o próprio infinito de modo absoluto, não pode convir nenhum nome, como ao ângulo infinito e máximo não pode convir o nome ângulo, segundo aquilo que o termo ângulo significa pela sua imposição. O ângulo infinito é tanto não ângulo quanto ângulo. O mesmo diga-se dos outros nomes.

De fato, a imposição do nome é feita porque o nome significa alguma coisa. O que é alguma coisa, isto é, isto e não aquilo é finito e terminado. Por isso, não pode jamais convir ao infinito. Se prestarmos atenção à força da palavra, a sabedoria infinita, que não é outro que infinidade absoluta, não é mais sabedoria que não sabedoria. Assim, a vida infinita, enquanto é infinidade absoluta, não é, segundo a impositação do nome, mais vida que não vida. Então, vê-se que quando à infinidade é adicionada uma palavra, aquela se contrai da sua infinidade absoluta à razão de significar da palavra, e isto não pode ser porque a infinidade absoluta é incontraível para toda razão.

Mesmo que digamos que Deus é sábio e vivente, e é sábio por uma razão e vivente por outra, não podemos ver uma tal alteridade de nomes de atributos no infinito simples, mesmo se todas as coisas que nós experimentamos convenham à perfeição do causador, podemos conceber que estão na causa de modo simples e máximo. Aqui, todavia, não podem ser diversas uma das outras, mas, todas as coisas estão subsumidas sob uma

---

<sup>14</sup> De acordo com a edição crítica (Vol. X, 1994), cf. Proclus *In Parm. VII*; Anselmus *Cantoariensis Proslogi. 2*; Dionysius *Areopagita De cael. Hier. 2 § 3*.

diversidade qualquer segundo a força da palavra. A partir desse significado concluímos que essas coisas são a própria infinidade.

[Br]<sup>15</sup> Deus deriva de Theos, que significa ver, pois Deus vê todas as coisas, e assim através de uma intuição única e fixa vê todas as coisas através de suas diferentes posições, espacial e temporal. E, o que quer que seja por ele intuído, ele vê deste modo, como se ele não visse outra coisa, mas estivesse completamente voltado na direção para ver somente aquela coisa específica e nada mais. Esse modo divino de ver é muito mais verdadeiro do que o modo como o sol brilha totalmente através de todas as janelas, de tal modo que aquele que está em Roma em sua casa, vê o sol brilhar totalmente pela janela, como se o sol não brilhasse por nenhuma outra janela, e então é lícito dizer que brilha por todos os lados e em cada lugar, não obstante apareça por todos os lados para se espalhar totalmente assim naquele lugar em que é visto, como se ele não parecesse ter cuidado de nenhum outro, mas somente daquele em que é visto e não de outro. Por exemplo, na residência episcopal em Bressanone, o anjo retratado segurando os emblemas da igreja olha para todos e para cada um daqueles que estão em qualquer lugar ao seu redor circularmente, estejam eles voltados para o oriente ou para o meridiano ou para o ocidente. E olha para cada um deles de tal modo que nenhum pode conceber que também esteja olhando para outro, a menos que se coloque no lugar do outro. E, quando ele se move de um lugar para outro, parece ver que o olhar do anjo se move junto com ele. Pinturas semelhantes são encontradas em vários outros lugares.

A partir do exposto, poderás procurar em que consiste a tranquilidade de todas as criaturas. Porque toda forma criada procura sua própria verdade, ou seja, Deus, que é a forma de ser dada a todas as formas, aquela descobre por isso ser aquilo que é, porque Deus volta o olhar [para ela], causa e

---

<sup>15</sup> De acordo com a edição crítica no *Codex Bruxellensis bibliothecae regiae II.479-84*, esta seção aparece como uma variante do capítulo doze (12). De acordo com Hopkins (1988, p. 785, n. 132): “This variant section is not a part of Nicholas’s final draft of *De Theologicis Complementis*. Some of the same material is found in DVD [*De visione dei*], written about the same time as *De Theologicis Complementis*. Nicholas originally included the variant section in his draft to the abbot and monks at Tegernsee”.



ilumina, tem cuidado dela, para que seja da melhor maneira, como se ele não cuidasse dos outros, porque consigo é movido e jamais ele abandona. Além do mais, o movimento mede Deus por meio do movimento, como se o próprio Deus se movesse lentamente quando esse movimento é lento, assim como os olhos do anjo pintado parecem, para os circunvagantes que andam ao redor da imagem, circunvagando lenta ou rapidamente, de acordo com o circunvagante, que se move lenta ou rapidamente.

Portanto, concebes tu, que és um contemplador, Deus, que é amor ou caridade, ser como aquela face amorosíssima do anjo, uma face que a todos que a olham atentamente infunde alegria, sorriso, prazer e gozo. Quanto mais Deus é olhado atentamente por ti, ele que é amor, tanto mais infunde vida, então, concebes uma semelhança da felicidade eterna, um estado em que o Deus Uno nutre a todos singularmente, onde cada um concebe que todo o cuidado e o amor de Deus estejam totalmente direcionados para o seu deleite, como para o fim, para que assim ame totalmente a si, como o pode ser amado, somente ame a si e nada além de si. E se for revelado a si, que Deus ama alguém mais que ele, ele não sentirá inveja, pois sua imaginação não compreende isso, mas entende, que por isso não o ama menos, pois vê, sem nenhuma hesitação, que é amado, de um modo tal que não pode ser mais amado. Portanto, ele está, justamente, tranquilo, porque não pode desejar nada, que não tenha; de fato, ele é amado tanto quanto é amável, e deseja ser amado tanto quanto é amável. E, então, ele tem aquilo que deseja. E esta é a felicidade última para qualquer modo de dizer.

E porque a imagem que ‘olha ao redor’ ajuda muitíssimo o intelecto, de modo que um pouco seja concebido como Deus é, de todas as coisas a medida mais precisa, mais geral e, da mesma forma, a mais singular. Portanto, concebe que exista uma tal face, que olhe ao redor da maneira que considerei anteriormente em relação à face do anjo, e que dois homens se movam na frente dela, um de oriente para ocidente e outro de ocidente para oriente, então, aparecerá que aquela face se move simultaneamente, acompanhando cada um deles. Portanto, ao mesmo tempo, ela se moveria em direção a lugares opostos e ao mesmo e único tempo, estaria em lugares opostos, ou seja, em oriente e ocidente, e, simultaneamente,

mover-se-ia de ocidente para oriente e, vice-versa, de oriente para ocidente; e, simultaneamente, estaria e se moveria, e, portanto, mover-se-ia imóvelmente. Portanto, em Deus, o mover coincide com o repousar, e mover a partir do oriente coincide com o mover a partir do ocidente, e o mover para uma parte coincide com o mover para todos os lugares diferentes. E observe que, se olhas nessa face, verás que ela olha em ti. E, nunca te abandona, enquanto olhes nela, estejas ou te movas. E se dela te afastas, ela se afasta de ti; mas se te voltas para ela, ela se volta para ti.

Mas, se essa face é concebida como uma face simples e incontraída, desligada de quantidade e magnitude e outras qualidades, então, da maneira que olhas para ela, ela olha para ti: se alegre, alegre; se com ira, ira; se pio, pio; se com amor, com amor; se como homem, como homem; se como mulher, como mulher; se puerilmente, puerilmente; se virilmente, virilmente; se humanamente, humanamente – e, assim por diante, em relação a cada modo possível. E se desejas considerar se tu és visto antes ou se vês primeiro essa face, descobrirás que essa face é como aquela face pintada imutável, a qual nem convém o antes nem o depois; pois esses são termos que não convém ao imutável. Portanto, esses termos coincidem nessa face, então vês que o modo como a face te olha, é o mesmo como olhas para ela, nesse caso, tu olhas primeiro e, ela, posteriormente. Mas, porque o posterior na face coincide com o anterior, o que te parece posterior não é mais posterior que anterior. Portanto, essa face é mudada imutavelmente, do mesmo modo que é movida atemporal e imóvelmente. E verás que a mesma face mudou, porque mudaste, e porque olhas agora para ela deste lugar e depois a partir de outro lugar, parece-te que ela te olha agora daqui e, depois, dali. E, porque agora tu a nomeias dessa maneira e, depois, daquela outra maneira, parece-te que agora ela é nomeada de uma maneira e, depois, de outra maneira. Da mesma forma, vês que o Deus inominável é nomeado de maneiras diferentes, porque Ele é nomeado pelos nomes de todas as coisas e porque, nele, a nominabilidade coincide com a inominabilidade, a efabilidade coincide com a inefabilidade e a mensurabilidade coincide com a imensurabilidade. Pois aquele que é imensurável por todas as coisas que são no modo em que são, é mensurado como o invisível é visto. Tais e

semelhantes [conjecturas] tu contemplador poderás caçar a partir daquela face, que gera uma semelhança de Deus, que vê todas as coisas.

**[13]** Que tu não te fatigues jamais em considerar que não se pode encontrar uma reta igual a uma determinada linha circular, se não se encontra primeiro que é possível uma linha circular igual a uma reta. Assim, a partir das proporções das linhas circulares chega-se ao conhecimento da reta desconhecida por meio daquela conhecida e da proporção daquelas circulares. Se te propões medir uma tal verdade máxima, que não pode ser diversamente do que é, nem maior nem menor, como se fosse uma linha circular, não poderás fazê-lo de outro modo senão construindo uma linha circular como medida de uma linha reta determinada. Posta uma determinada reta finita a linha finita circular será a sua medida. Posta uma linha circular infinita, que é a medida de todas as retas que se possa construir, a linha reta infinita, será a medida daquela circular. A reta infinita e aquela circular infinita, de fato, coincidem. Assim aquela circular infinita é reta infinita.

Coincide aqui a medida com o medido. O infinito não é medido pelo finito: entre esses não existe proporção. Mas o infinito é medida de si mesmo. Deus é medida de si mesmo. E, já resultou claro que é a medida de todas as coisas. Deus é, então, medida de si e de tudo. Deus é incomensurável e incompreensível a toda criatura, enquanto é a medida de si e de tudo. E não existe uma medida da medida, como não existe um termo do termo.

A verdade, portanto, que é a medida das coisas não é compreensível senão a si mesma. E vê-se isso na coincidência da medida e do medido. Em todas as coisas aquém do infinito, a medida e o medido diferem segundo o mais e o menos. Em Deus verdadeiramente coincidem. A coincidência dos opostos é como a circunferência do círculo infinito. A distância dos opostos é como o perímetro do polígono finito. Nas figuras teológicas se encontra, portanto, o complemento daquilo que podemos saber, isto é, que a diferença entre os finitos da medida e do medido é igualdade ou coincidência em Deus. Por isso, aqui quem mede é a retidão infinita. E a linha circular infinita é mensurável pela retidão infinita. O medir é a unidade ou nexos de ambos. O complemento nas figuras teológicas consiste no descobrir o princípio

no qual os opostos, que se encontram nos finitos são na coincidência. Não podemos conceber que alguma coisa seja branca sem que seja branca pela brancura. Assim, não concebemos que alguma coisa é oposta se não é oposta pela oposição. A oposição, portanto, é a coincidência e a igualdade dos opostos. Dizemos que Deus é oposição dos opostos porque é tudo em tudo. E isto significa que é o princípio complicativo ou a coincidência absoluta ou a igualdade infinita.

Retificamos a circulação infinita quando concebemos a circulação como coincidência do princípio e do fim. Então, concebemos que a medida retilínea não é a linha terminada e fechada entre um ponto e um ponto, entre o princípio e o fim, mas é livre de todo termo. Uma tal linha que não possui nem princípio, nem meio, nem fim mede a coincidência do princípio, do meio e do fim porque é igualdade absoluta. E, nessa, o princípio não é diverso do meio e do fim, mas são o mesmo e igualmente uno.

E, assim, todos os termos, que estão nos círculos finitos, ou seja, aqueles termos que estão de modo diverso, diferentes ou opostos, com a parte oriental se opõe à ocidental, a meridional à setentrional, e uma parte qualquer à uma outra que diste dessa por toda o alongamento de seu diâmetro, e o centro, o raio e a circunferência, etc. – todos coincidem na igualdade do círculo infinito, como tudo aquilo que é de modo diverso nas figuras retilíneas coincidem na igualdade da linha reta infinita. E, porque a linha infinita circular é reta, a reta infinita é a medida verdadeira, que mede a linha circular infinita. Assim essa é a igualdade, ou seja, a coincidência de todos os termos que no finito estão de um modo ou de outro, diferentemente, ou que parecem comportar-se de modo oposto. Este é o complemento teológico mediante o qual todo o conhecível pode ser colhido teologicamente; digo todo conhecível que pode ser conhecido de modo mais perfeito possível pelo homem neste mundo.

**[14]** Todas as coisas que permaneceram escondidas aos teólogos e ignoradas pelos pesquisadores, poderão ser conhecidas, no modo possível para o homem, graças a esta circulação do quadrado, no modo que eu disse. Por exemplo, porque Deus é dito *théos* a partir do verbo ver e se

se pergunta em que modo seja vidente se responderá de acordo com o modo segundo o qual mede. De fato, o círculo infinito abraça todos os modos de dizer e a inteira teologia é como um círculo no qual todas as coisas são uno.

Ver, portanto, em Deus não é outra coisa senão medir. Como Deus é a medida de si, de tudo e de cada coisa singular, assim é visão. A visão e o ver em Deus são idênticos. Que Deus seja a visão dos que veem significa que ele vê tudo. Se se pergunta se Deus se comporta de um modo quando vê a si mesmo e em um outro modo quando vê as criaturas se responderá: À igualdade infinita que é medida das coisas, não convém a alteridade, mas a identidade. Intuindo a si mesmo intui ao mesmo tempo também todas as coisas criadas e não de modo diverso a si e as outras coisas. Vendo as coisas criadas, vê ao mesmo também a si mesmo. De fato, vê as coisas criadas porque essas não são vistas perfeitamente se não é visto o criador. O efeito não é visto de modo perfeito senão é vista também a causa. A visão de Deus é perfeitíssima e quando ele vê a si mesmo como causa, vê todos os causados. E vendo os causados porque esses são causados, vê também a si mesmo como causa. Em Deus coincidem o medir e o ser medido, porque ele é medida e medido. Assim o ver e o ser visto coincidem. E, portanto, o ver a si é o ser visto por si, o ver as criaturas é o ser visto nas criaturas. Se se indaga sobre a criação, faça-o do mesmo modo. A criação em Deus é visão. Criar, ver, entender, querer, medir, fazer, operar, e qualquer outra coisa que atribuamos a Deus, vão compreendidas como os nomes do círculo infinito. Por isso, não é mais absurdo dizer que Deus cria a si e todas as coisas que dizer que Deus vê a si e todas as coisas, e que criar todas as coisas é ser criado em todas. Mas, os nomes humanos sendo impostos pelas coisas finitas, não são apropriados para a divindade.

Como a linha circular finita é chamada circular pela sua diferença com relação a linha reta finita, assim dizemos circular a linha circular infinita mesmo que, segundo a intenção de quem impôs o nome de linha circular, não é circular quando não difere da reta; e assim diga-se de todo o resto; portanto, que tu não te turbes pela força do nome, mas é necessário

considerar a coincidência, a igualdade suma e a simplicidade daquele círculo no qual todos os nomes são um só. Então, o que parece absurdo torna-se tolerável para outro nome, porque esse outro nome, que é outro para nós, não é outro lá onde é realmente sinônimo.

Seja esta a breve explicação do complemento teológico figurado nos *Complementos da Matemática*, no louvor de Deus, bendito para sempre.